



8 DE MARÇO | 8 POEMAS  
HOMENAGEM AOS OITENT'ANOS DE ZILA MAMEDE



8 de março/8 poemas quebra sua “tradição” de reproduzir obras de 8 poetas potiguaras, para fazer uma necessária homenagem aos oitenta anos de Zila Mamede.

Nascida em 1928 em Nova Palmeira, Paraíba, pode-se afirmar que Zila Mamede é uma das mais universais poetas do Rio Grande do Norte.

Publicou, entre outros, Rosa de Pedra (1953), Salinas (1958), O Arado (1959), Exercício da Palavra (1975) e Corpo a Corpo (1978).

Zila se encantou em 1985, nas ondas do mar.

Mineiro



Esta poesia foi publicada no livro *Corpo a Corpo*, em 1978, definido por ela como “uma volta sem mágoa” a cada um dos lugares que marcam seu itinerário poético.

## ONDE

Entre a ânsia  
e a distância  
onde me ocultar?

Entre o medo  
e o multiapego  
onde me atirar?

Entre a querência  
e a clarausência  
onde me morrer?

Entre a razão  
e tal paixão  
onde me cumprir?

# A PONTE

Salto esculpido  
sobre o vão  
do espaço  
em chão  
de pedra e de aço  
onde não  
permaneço

- p a s s o .

O poema A Ponte pertence ao quarto livro de Zila, Exercício da Palavra, de 1975, que tem como uma das características a busca pela precisão vocabular



# UM PÁSSARO ME HÁS DE DAR

Em manhã de pastoreio  
ovelhas apriscando  
largarás de tuas cismas  
e cajado  
que um pássaro me hás de dar  
quando me amares.

Leve levemente mo trará  
das fontes dos teus olhos  
sem nenhum pensamento  
sem gesto liberto  
a mansidão do teu silêncio  
apenas.

À minha face matutina  
descerá uma carícia  
de pássaro  
pousado.

Este poema integra o terceiro  
livro de Zila Mamede, *O  
Arado*, de 1959, dedicado ao  
Avô Caçote, e prefaciado por  
Luís da Câmara Cascudo



# CANÇÃO DO AFOGADO



Nos olhos de cera  
dois pingos de vida,  
nas marcas de vida  
a noite pisou.  
A face tranqüila  
bordada de sombras  
- são restos de estrelas  
que o céu apagou.  
Os dedos lilases  
não pedem mais sol;  
e os lábios desfeitos  
perderam seus gestos,  
calaram seus sonhos  
que a morte levou.  
Cabelos de musgos  
lavados de espumas  
caminha o afogado  
que o mar conquistou.

Poema publicado em  
Salinas, de 1958, na “Coleção  
Aspectos”, do Ministério da  
Educação e Cultura.

# A (OUTRA) FACE

Porque essa é a face (não a mais amada)  
desnuda face, voz que te define  
e te ama. Meus cabelos são campinas  
de girassóis dormidos, são planuras  
no poço da tristeza dos teus olhos.  
O traço vertical tu és - a força -  
no caminho das longas esperanças.  
Do trigo madurando a flor recolho  
nesse amor meu tornando-se horizonte;  
que eu te buscara antigo na jornada  
e na palavra, exato; e te ganhara  
(nos montes, nas searas, nas manhãs,  
nos ventos, nas colheitas, nas estrelas,  
nas hastes que sustentam girassóis)  
A recolher o canto das espigas.

Poema publicado  
em 1958, no  
segundo livro de  
Zila, Salinas.



# MAR MORTO



Rosa de Pedra,  
primeiro livro de  
Zila, foi publicado  
pela Imprensa  
Oficial do Rio  
Grande do Norte  
em 1953.

Parado morto mar de minha infância  
sem sombras nem lembranças de sargaços  
por onde rocem asas de gaivotas  
perdendo-se num rumo duvidoso.

Pesado mar sem gesto, mar sem ânsia,  
sem praias, sem limites, sem espaços,  
sem brisas, sem cantigas, mar sem rotas,  
apenas mar incerto, mar brumoso.

Criança penetrando no mar morto  
em busca de um brinquedo colorido  
que julga ver no morto mar vogando.

Infância nesse mar que não tem porto,  
num mar sem brilho, vago, indefinido,  
onde não há nem sonhos navegando.

# PARTIDA

Quero abraçar, na fuga, o pensamento  
da brisa, das areias, dos sargaços;  
quero partir levando nos meus braços  
a paisagem que bebo no momento.

Quero que os céus me levem; meu intento  
é ganhar novas rotas; mas os traços  
do virgem mar molhando-me de abraços  
serão brancas tristezas, meu tormento.

Legando-te meus mares e rochedos,  
serei tranqüila. Rumarei sem medos  
de arrancar dessas praias meu carinho.

Amando-as me verás nas puras vagas.  
Eu te verei nos ventos de outras plagas:  
juntos - o mar em nós será caminho.



Poema publicado  
no livro Salinas,  
que recebeu o  
prêmio Vânia Souto  
Carvalho, em 1958,  
em Recife.

# SONETO DO SONHO NÁUFRAGO

Poema  
publicado em  
1953, no livro de  
estréia de Zila  
intitulado Rosa  
de Pedra



Infecundoso, o ventre dos rochedos  
guardou meu sonho - agora morto sonho.  
O mar varando as rochas traz nos olhos  
esfinges de paisagens incolores

enquanto as algas trançam nos seus dedos  
sargaços - a mortalha do meu sonho  
e as conchas anunciantes dos escolhos  
fingindo esquifes, pensando luto e flores.

Não marés, não rochedos, não sargaços  
bebendo essa orfandade em que naufraga  
ferido e nu, meu sonho - lenda e espumas.

O meu sonho antes lua - hoje mormaços -  
beijou, irreverente, estéril fraga,  
depois que, estrelas, viu-se pó, nas brumas.

